

Apresentação

O presente e-book convida o leitor a viajar pelas dimensões profundas, belas e complexas da **Psicologia**, que se entrelaçam à sétima arte, o **Cinema**, por meio dos diversos filmes elegidos pelos autores desta coletânea.

Adélia, Maria Laura, Luciano e Ana Luísa, em *A (trans)formação social de processos psicológicos no filme “A chegada”*, enfrentam, a partir da perspectiva vigotskiana, a seguinte questão: como se dá a passagem da dimensão intersubjetiva para a intrassubjetiva no processo de significação?

João, em *Um filme não é pensado e, sim, percebido: o filme como objeto de percepção em Merleau-Ponty*, realiza uma reflexão filosófica sobre a experiência perceptiva na expressão do cinema em sua problemática de investigação de *fazer ver*, ou ainda, dos sentidos do corpo na experiência da significação do filme.

Dora, Carolina, Jadson, Vitória, Cíntia e Maria Eduarda em *Cinema, saúde, humanização e o partear tradicional: análise documentário “parteira”*, à luz da teoria da determinação social e gênero como categoria analítica. Assim resgata a contribuição didática de parteiras tradicionais para a formação acadêmica dos discentes da área da saúde.

Angelina, Priscila e Alessandra, em *Popularização científica e concepções de infância no documentário “Bebês em foco”*, discutem o processo de

desconstrução de visões sobre a infância a partir das perspectivas da psicologia, linguística e nutrição.

A infância será ainda objeto de reflexão no capítulo *Infâncias e estranhamentos catárticos: uma análise fílmica a partir da psicologia sócio-histórica*. As autoras Adélia, Martha e Camila discutem a proposta metodológica de uso de “cenas emblemáticas” e a concepção vigotskiana de estranhamento.

Paula, Cristina e Alinne, em *Reflexões sobre a história pregressa da criança adotada em “Lion: uma jornada para casa”*, apresentam uma reflexão winnicottiana acerca da história da criança adotada em seu processo de constituição da subjetividade.

Heliane, apresenta uma leitura winnicottiana em *Adolescência e a busca do SELF: reflexões sobre o retorno de “Alice ao país das maravilhas”*, lugar esse, aponta a autora, onde tudo é possível, como ilustrativo do trabalho subjetivo, necessário ao adolescente como condição para construir uma vida criativa e que vale a pena ser vivida.

Paula, Alana, Kedma e Joelma, em *Reflexões sobre adolescência no filme “Hoje eu quero voltar sozinho”*, discutem acerca das singularidades das experiências na adolescência pautadas em referencial psicanalítico.

Priscila e Susane analisam no capítulo *A dimensão do amor em “A vida invisível”*, o “desaparecimento de si”, a partir da história das mulheres, fundamentado nas contribuições de Freud e Lacan. Pontuam as autoras, que a história das duas irmãs é perpassada por sentimentos de dor, amor e solidão, ameaçando a fronteira entre o eu e o objeto, entre sujeito e sujeição.

Maria Lúcia e Amadeu, em *Esculpindo o tempo com Andrei Tarkovski: articulações entre estética, utopia e psicanálise* tomam o cinema como uma alteridade possível à psicanálise, o que implica pensá-lo estruturado, como uma linguagem, pressupondo a possibilidade de um sujeito advir nessa estrutura. Nesse sentido, uma estética utópica é aquela que produz um furo em discursos totalizantes, permitindo novas articulações discursivas e sociais.

Perla e Maria Manuela em *Eu, Daniel Blake: reflexões sobre o desamparo e a precarização dos laços sociais*, discutem como o desamparo, por parte do Estado, associado ao discurso neoliberal produzem sofrimentos cujo pano de

fundo é marcado pelo processo de precarização, tanto do trabalho, quanto dos laços sociais.

Rodrigo, em *Scapinelli e o mal constitutivo*, nos oferece uma reflexão, a partir da perspectiva de Jung acerca da divisão psíquica e, mais propriamente, o lugar da sombra nos processos compensatórios da psique e o que implica o fato de perdê-la.

Lineu e Rafael em “*Estranhos estrangeiros*” *vistos pelo cinema* nos convidam à reflexão, a partir de Adorno, Horkheimer e Crochik, sobre o fetiche do desenvolvimento tecnológico, a compulsão escópica e a redução das possibilidades da experiência estética. Analisam como o estrangeiro, na condição de imigrante, tem sido representado no cinema de ficção.

Lívia, em *Um operário em construção: “A classe operária vai ao Paraíso”* nos impele à reflexão a partir da caracterização da consciência e do papel do trabalho na constituição dessa instância do psiquismo.

Organizadores

